

ANIMAIS SILVESTRES

Quando se tornam problema

A falta de predadores ou inimigos naturais, causada pela interferência do homem nos ambientes naturais para dar espaço à agricultura, cidades e indústrias, faz com que muitas espécies de animais silvestres passem a se proliferar. Contudo, em alguns casos, as populações crescem de tal maneira que se tornam pragas, trazendo riscos para as lavouras, os rebanhos e o ser humano. É um fato observado em várias regiões que enfrentam ataques de javalis, capivaras, lebres, pombas e maritacas, entre outros.

No norte do Paraná, o ataque de pombas amargosas inviabilizou o cultivo do girassol na safrinha, como matéria-prima para produção de biodiesel. As aves também atacam cereais, como o arroz, o sorgo e o trigo. Em Piracicaba-SP, houve mortes na população, causadas pela febre maculosa, transmitida pelo carrapato encontrado na capivara. Em Belo Horizonte-MG, as mesmas capivaras se tornaram um problema na represa da Pampulha. No Sul do Brasil e interior de São Paulo, o javali e o javaporco atacam as plantações, os animais domésticos e até mesmo pessoas.

A Zona da Mata mineira, região onde está instalada a Embrapa Gado de Leite, enfrenta gra-

Capivaras, maritacas e javalis estão entre as principais espécies que atacam o milho e o sorgo. Além de destruírem as plantas, representam riscos para a saúde do rebanho e do homem

**PÉRSIO SANDIR D'OLIVEIRA,
ANTÔNIO CÂNDIDO CERQUEIRA RIBEIRO E
LETÍCIA SAYURI SUZUKI D'OLIVEIRA**

ves problemas com animais silvestres. Em Barbacena, os produtores de frutas e hortaliças sofrem com os ataques de maritacas, que causam grandes perdas nas lavouras. Em Juiz de Fora, as capivaras podem ser portadoras do carrapato que transmite a febre maculosa para o homem. E em Coronel Pacheco, as duas espécies causam perdas às lavouras de milho e de sorgo, principalmente na safra de inverno, o que compromete a produção de silagem.

Os danos causados por maritacas e capivaras, em conjunto, che-

gam a promover perdas superiores a 60% na lavoura de milho-safrinha. A intensidade do ataque prejudica tanto a quantidade como a qualidade da silagem. As aves consomem os grãos nas espigas de milho e nas panículas de

sorgo, deixando o colmo e a parte aérea, enquanto as capivaras cortam a planta toda, e o que não consomem no local fica sobre o solo e não pode ser aproveitado para silagem.

As maritacas costumam atacar as espigas de milho no início da manhã e no final da tarde, ou seja, nas horas mais frescas do dia. A época de ataque coincide com a mudança do teor de matéria seca do grão, de leitoso para pastoso, um pouco antes do ponto para início da ensilagem. As capivaras atacam à noite



Danos causados por capivaras em área de plantio de milho

Fotos: arquivo Embrapa Gado de Leite



Pegadas de capivara sobre solo úmido

e cortam a planta inteira, independentemente do estágio de maturação do grão.

AÇÕES EXIGEM AUTORIZAÇÃO DO IBAMA - Os ataques de capivaras e de maritacas nas lavouras do Campo Experimental José Henrique Bruschi, em Coronel Pacheco, são constantemente monitorados por um grupo de pesquisadores da Embrapa Gado de Leite. Com base nos dados coletados um relatório sobre o problema foi escrito e encaminhado a dois inspetores do Ibama, durante reunião visando discutir alternativas para a solução do problema. No Brasil, a Lei de Crimes Ambientais (Lei Federal nº 9.605) estabelece as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente.

No artigo 29, a caça é tipificada

como crime. Entretanto, pelo artigo 37, o abate de animal não é considerado crime quando for realizado em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família; para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora, desde que legal e expressamente autorizado pela autoridade competente.

O javali e seu híbrido com o porco doméstico, o javaporco, são os únicos animais silvestres que têm o abate permitido pelo Ibama. Esta exceção ocorre porque o javali é um animal exótico, que entrou no Brasil pela fronteira com a Argenti-

na e o Uruguai ou por importação da Europa para fazendas de caça. Quando esses empreendimentos fecharam, os animais escaparam e se tornaram um grande problema ambiental. Entretanto, a capivara e a maritaca são espécies nativas da fauna brasileira, e a situação é bem diferente.

A capivara é portadora de zoonoses importantes, como a leptospirose e febre aftosa, entre outras, ameaçando a saúde dos rebanhos. Além disso, deve ser considerado o aspecto da saúde pública, já que a capivara pode estar infestada com carrapatos do gênero *Amblyomma*, transmissores da febre maculosa. A doença ocorre nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.



Danos provocados à espiga por maritaca

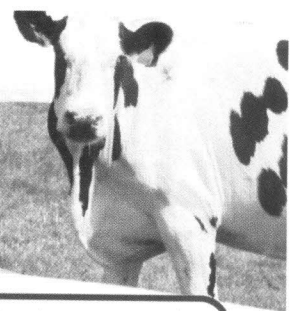
O Estado de Minas Gerais apresenta a maior ocorrência de casos dessa doença, inclusive, de forma endêmica, e em algumas áreas o número de óbitos é elevado. Já foram notificados casos de febre maculosa brasileira nos municípios de Juiz de Fora, Coronel Pacheco e Viçosa. É necessário proteger a população urbana e rural. Quando a doença não mata, deixa sequelas.

CAPIVARAS EXIGEM PLANO DE MANEJO - O desequilíbrio ambiental é a maior causa da superpopulação de animais silvestres. Além da eliminação de predadores naturais da capivara (jacaré, onça e sucuri), muitas áreas de matas nativas foram destruídas pela extração de madeira e queimadas para, posteriormente, serem ocupadas por áreas de lavouras e pas-

sani
QUÍMICA

Tecnologia a Serviço da Qualidade

Linha Master QUALIDADE E RENTABILIDADE



(19) 3881-5500 / 3881-5505

Faça como nossos parceiros. Aumente sua rentabilidade!
SEJA UM REPRESENTANTE SANI QUÍMICA.
ENTRE EM CONTATO CONOSCO.

Av. Arquiteto Clayton Alves Correa, 789
CEP 13279-071 - Valinhos/SP

E-mail: sani@saniquimica.com.br

www.saniquimica.com.br



Antes de adotar medidas para proteger as lavouras, produtores devem recorrer ao Ibama

tagens. No caso específico da capivara, três fatores podem estar envolvidos: a prolificidade da espécie, a ausência de predadores importantes, a abundância de alimento (áreas plantadas).

No caso da capivara, a solução passa por um plano de manejo, medida que busca a redução do dano por ela causado, mas seus objetivos devem ser explicitados claramente. O plano de manejo deve levar em conta as características da espécie-problema; as condições do ecossistema; o monitoramento da população, além de medidas de controle. O abate deveria ocorrer somente em casos extremos, quando a espécie é agressiva e ataca outros animais e pessoas, ou nos casos de risco para a saúde pública, e depende de autorização do órgão ambiental competente.

Segundo os pesquisadores, existem

algumas medidas de proteção para lavouras, em áreas comerciais e experimentais. Para contornar o problema causado por animais terrestres, como a capivara, pode ser feita a construção de barreiras, como alambrado ou cerca elétrica de dois fios: o primeiro a 15 cm do solo. A área sob a cerca elétrica deve ser capinada para ficar limpa, e é preciso sinalizar adequadamente. Medidas culturais, como plantio na época certa e escolher áreas distantes de corpos d'água e trechos de florestas são paliativas, embora possam reduzir a intensidade de ataque.

Para repelir pássaros em áreas experimentais é possível proteger as lavouras de milho e sorgo, cultivando parcelas debaixo de tela plástica ou cobrindo as espigas/panículas das plantas com sacos de ráfia. Em áreas comerciais, algumas

empresas desenvolveram dispositivos emissores de ruídos, usando botijões de gás de cozinha para produzir estampidos como de arma de fogo. Outras oferecem aparelhos emissores de ultrassom, que espantam pombas e outras aves, e que precisam ser testados contra as maritacas. Alguns produtores rurais utilizam fogos de artifício, mas a eficácia dessa prática é questionável. Além dos custos, foi observado que poucos dias depois, as aves estão acostumadas com o ruído.

De qualquer forma, o produtor rural interessado em proteger suas lavouras deve procurar o Ibama antes de abater

ou capturar os animais silvestres que se tornaram pragas. Somente o órgão ambiental pode emitir a autorização para essas práticas, embora o cercamento de áreas de lavoura e outras medidas que não impliquem a morte ou captura dos animais possa ser feito sem necessidade de autorização especial. Recomenda-se que os produtores interessados procurem o escritório do órgão ambiental mais próximo, para agirem em conformidade com a lei. ■



Pêrsio Sandir D'Oliveira (foto), Antônio Cândido Cerqueira Ribeiro e Letícia Sayuri Suzuki D'Oliveira são pesquisadores da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG.

Consultoria permanente Agroconsult

- » Atendimento permanente por telefone e e-mail;
- » Banco de dados contendo indicadores do mercado pecuário no Brasil e no mundo (estatísticas, preços, custos e tendências);
- » Sumário executivo mensal com os principais acontecimentos e resumo dos fundamentos de mercado;
- » Atualizações analisadas imediatamente após a divulgação das estatísticas oficiais;

- » Reuniões de planejamento com a equipe do cliente: opções trimestrais, semestrais ou anuais;
- » Acompanhamento do mercado de grãos, subprodutos, concentrados e impactos nos custos de produção;
- » Preços e tendências para o mercado de carne bovina, lácteos e principais insumos;
- » Acompanhamento dos mercados de carne suína, ovos e aves.

Entre em contato e conheça as nossas condições:

www.agroconsult.com.br | pecuaria@agroconsult.com.br | 48 3209 1650

Deixe a pesquisa e as análises das informações conosco! Faça com que sua equipe dedique mais tempo ao sucesso do seu negócio!

Conheça também as outras empresas que compõem a Plataforma.Agro – www.plataformaagro.com.br

plataforma.agro

agro.consult | agro.eventos | agro.icone | agro.lpes | agro.satélite

agro.consult
consultoria e projetos